

CONTO *MARIA*, CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA ANÁLISE SOBRE AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS PAUTADAS NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA.

Heitor Carvalho Guedes ¹
Girlene Marques Formiga ²

RESUMO

Por conceber que as desigualdades sociais sempre estiveram presentes na sociedade brasileira, desde a colonização até os dias atuais, especialmente quando se trata de questões étnico-raciais, e perceber que, a partir do momento em que os portugueses trouxeram os negros para serem escravos no Brasil, os reflexos negativos desse processo continuam vigentes até hoje, este estudo faz-se necessário a fim de compreender como tais aspectos são representados nas produções literárias. Nessa perspectiva, o presente trabalho visa analisar por meio do conto *Maria*, de Conceição Evaristo (2015), questões étnico-raciais da sociedade brasileira sob o olhar da literatura afro-brasileira. Os procedimentos teórico-metodológicos envolveram estudos pautados, sobretudo, em Bosi (1996, 2002), Dalcastagnè (2008), Evaristo (2009, 2016), Ribeiro (2017), Zilberman (2008, 2021), Silva e Formiga (2023). Realizada a pesquisa, os resultados apontaram para a constatação de que as representações dos aspectos étnico-raciais, contemplados ao longo do conto, são frutos das múltiplas desigualdades de nosso contexto social, necessitando, pois, de uma compreensão sobre a temática para o fortalecimento da luta contra o racismo e o preconceito que ainda imperam no país. O estudo permite ainda compreender a importância das produções literárias que tratam do reconhecimento da diversidade como um significativo lugar de resistência à desigualdade e à injustiça social, com vistas a proporcionar um ambiente inclusivo e igualitário a todos os cidadãos.

Palavras-chave: Étnico-raciais, Literatura, Afro-brasileira, Racismo, Desigualdades.

INTRODUÇÃO

O Brasil desde a sua colonização sofre os reflexos de questões sociais, como racismo, o machismo e os privilégios de classe. Apesar de tão presentes na sociedade, essas questões não foram devidamente expostas na literatura brasileira (por vezes até omitidas por escritores negros), diferentemente da produção poética de Conceição Evaristo, por exemplo, que mostra ser fundamental na representação de lutas de classe, antirracismo e de gênero.

A literatura pode ser compreendida como uma forma de resistência, e, nessa concepção, os autores que não se enquadram no considerado cânone literário (homens brancos e da elite) começaram a expor suas produções e tomar seu lugar de fala. Tomamos como referência a

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Letras do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, heitorcarvalhoguedes140@gmail.com;

² Professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), com atuação na Licenciatura em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, girlene.formiga@ifpb.edu.br.

concepção do termo “lugar de falar” de Ribeiro (2019), para quem pensar lugar de fala significa romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, ou seja, romper com a hierarquia de um sistema. Para ocupar esse lugar de falar é preciso lançar mão da resistência. Nesse contexto, classifica-se a literatura de resistência como “um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico” (Bosi 1996, p. 26).

Com base nesse entendimento, o presente trabalho parte da análise do conto *Maria*, de Conceição Evaristo (2016), que dá visibilidade às classes marginalizadas, em especial a mulher periférica e negra, com vistas a reconhecer o contraste entre a representação das personagens sob a ótica dos escritores representantes da literatura de resistência em contramão com os escritos do cânone literário, de modo a compreender a importância da literatura de resistência em uma sociedade ainda tão marcada pelo sexismo, racismo e poder patriarcal.

A literatura de resistência pode encontrar como representantes as classes que dela mais necessitam, ou seja, as classes marginalizadas ao longo da história do Brasil, a exemplo das pessoas negras, mulheres e demais indivíduos pertencentes à classe socioeconomicamente vulnerável. Para Maciel (2022), essa resistência da literatura de autoria dos grupos marginalizados tem que continuar incomodando a força dominante, pois é, por meio desse instrumento, que se dá “a tensão presente em textos de escritores e escritoras provenientes de outros seguimentos sociais, que têm de se contrapor as essas representações já fixadas na tradição literária e, ao mesmo tempo, reafirmar a legitimidade de sua própria construção” (Dalcastagné, 2007, p. 18).

Nesse sentido, este estudo faz-se necessário para analisar e compreender questões sociais, raciais e de gênero por meio da representação literária, artefato cultural que se apresenta como instrumento de reflexão para fins de intervenção dessa problemática responsável por afetar grande parte da população brasileira.

OS PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA: O PAPEL DA LITERATURA DE RESISTÊNCIA

Os procedimentos metodológicos foram norteados, inicialmente, por meio de uma revisão da literatura, pautando-se na análise de produções veiculadas em periódicos, impressos e virtuais, de especialistas na área. Mendes et al (2008) explicam a importância da metodologia de revisão de literatura como um processo de busca, análise e descrição de um corpo de conhecimento com o objetivo de responder a uma questão específica. Assim, esse

procedimento, segundo os autores, é responsável por abranger o material relevante escrito sobre um determinado tema encontrados, entre outros tipos de textos, em livros, artigos de periódicos, registros históricos, relatórios governamentais, teses e dissertações. Dessa forma, confirmamos a essência da escolha por um procedimento metodológico que resulta na ampliação dos conhecimentos do tema em análise.

Para fundamentar as questões abordadas na pesquisa, tomamos como base, sobretudo, Bosi (1996; 2002), Dalcastagnè (2008), Evaristo (2009, 2016), Zilberman (2021, 2008), Silva e Formiga (2023). Considerando a perspectiva desses autores, de maneira geral, podemos descrever a resistência como o ato de resistir, não ceder, não se sujeitar à vontade do outro, se opor. De acordo com Bosi (1996), no universo da literatura, as narrativas de resistência começam a ganhar espaço entre as décadas de 1930 e 1950, inicialmente opondo-se ao nazismo, ao facismo e às suas ramificações. Ainda segundo o autor, a “resistência é um conceito originariamente ético, e não estético” (Bosi, 1996, p. 11 - 28).

No Brasil, uma obra que se destaca pela narrativa de resistência é *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos. Esse tipo de produção reflete no leitor uma consciência “cognitiva e ética da linguagem”, tendo em vista o escritor se despir “dos preconceitos e do imaginário burguês para plasmar uma linguagem aderente ao real e aos valores de progresso, justiça e liberdade” (Bosi, 1996, p. 10).

Nesse sentido, se há mudança na forma de escrever e também na percepção dos leitores, há mudança no espaço onde as narrativas se constroem, e essa mudança se dá pela representatividade. Assim, se primordialmente a literatura foi constituída em espaços de exclusão, as narrativas de resistência buscam a construção de um espaço narrativo pautado em questões sociais anteriormente negligenciadas e negadas no cânone literário, a exemplo do conto *Maria*, contido na obra *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo (2016).

Seguindo essa compreensão, conforme assinala Dalcastagnè (2007, p. 19), os autores que buscam a resistência em suas produções podem utilizar a escrita da seguinte forma:

- (a) incorporar essas representações de maneira acrítica;
- (b) descrever essas representações, com o intuito de evidenciar seu caráter social, ou seja, de construção;
- (c) colocar essas representações em choque diante de nossos olhos, exigindo o nosso posicionamento – mostrando que nossa adesão, ou nossa recusa, que nossa reação diante dessas representações nos implica, uma vez que fala sobre o modo como vemos o mundo, e vemos nele, sobre como se dá nossa intervenção na realidade, e as consequências de nossos atos.

Tal posicionamento nos permite perceber que, além das questões envolvendo a representatividade das classes sociais marginalizadas do espaço ocupado pelos leitores na

literatura, ainda devemos atentar ao fato do substancial papel que a literatura de resistência deve ocupar no âmbito do ensino. A esse respeito, problematizando a leitura literária na escola, Zilberman (2008 p. 08) afirma:

Pode-se situar na virada dos anos 70 para os anos 80 a data em que se intensificaram e expandiram as discussões relativas à leitura na escola e ao papel da literatura no ensino. O período caracterizava-se pela descompressão do regime militar, na esteira das manifestações públicas de insatisfação com o modelo autoritário de governo e da falência do projeto desenvolvimentista abraçado pelo Estado.

O reforço das concepções da autora é verificado no prefácio do livro *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora*, publicado pela editora Parábola, ao defender que a escola se renova e a literatura transgredir. Zilberman (2021) já sinaliza essa compreensão no próprio título do prefácio denominado “Ensinar é preciso – resistir também”, que corrobora a ideia de que a literatura é um modo de resistência, de militância para se opor a qualquer forma de opressão no ensino.

Nessa perspectiva, a autora defende uma literatura proveniente de segmentos pouco habituados ao fazer artístico convencional, marginalizados no contingente do considerado cânone literário. Tal descrição se aplica ao repertório de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, para ficarmos em apenas duas grandes autoras no cenário nacional da literatura, formado por mulheres negras que produzem narrativas literárias envolvendo relações de raça, classe e gênero. Convém ainda destacar que outros escritores vêm incorporando esse viés em suas produções, como Itamar Vieira Junior, que explora questões dessa natureza. A exemplo disso, temos o conto *Alma*, de Itamar Vieira Junior, inserido na coletânea *Doramam ou A Odisseia: histórias* (2021), conforme comprova estudo realizado por Silva e Formiga (2023).

Isto posto, não há como tratar de literatura de resistência e representatividade sem falar de Conceição Evaristo, reconhecida como uma importante figura não apenas na literatura, mas nas representações sociais ocupados pelo corpo pobre, negro, feminino.

O retrato da mulher na literatura brasileira, segundo Rocha (2023), sempre esteve ligado ao aspecto racial, sendo assim, as mulheres negras ocupavam sempre papel de exclusão, em sua representação enquanto personagens e, conseqüentemente, como autoras. O pesquisador ainda destaca que as mulheres negras, pobres e marginalizadas foram, e continuam ainda sendo, as principais vítimas das violências físicas, psicológicas, simbólicas, mas reconhece o papel essencial das produções de mulheres negras e sua intervenção em romper com esse sistema de opressão, conforme expõe:

[...] fica evidente que a produção de mulheres negras é uma ferramenta poderosa, tanto para deslegitimar e/ou denunciar o discurso do colonizador, quanto para romper o silenciamento imposto a essas pessoas, pois carrega a história de luta que os corpos negros enfrentaram, e ainda enfrentam, para romper com a opressão (Rocha, 2023, p. 63).

Nesse aspecto, Conceição Evaristo representa um grande marco na literatura brasileira, em conformidade com que a própria autora retrata:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosia esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo (Evaristo, 2005, p. 202).

Confirma-se assim, que a literatura tem sido, portanto, uma das formas de resistência mais eficazes encontradas pelas mulheres em nossa sociedade para combater o sistema patriarcal, machista e racista que ainda circunda em nosso meio.

CONCEIÇÃO EVARISTO: DENÚNCIA DE OPRESSÃO A QUE AS MULHERES NEGRAS SÃO SUBMETIDAS.

De todas as classes marginalizadas possíveis de serem retratadas pela literatura podemos afirmar que a mulher é um dos principais elementos foco desta representação de resistência. A figura feminina, ao longo dos séculos, teve a sua imagem constantemente representada na literatura de diversas formas, no entanto, o seu lugar e espaço que ainda reforça a violência de gênero, machismo e racismo constituem um fato para ampliar as lutas de classe e das transformações históricas por que passaram.

Infelizmente, a literatura produzida por mulheres, especialmente por mulheres negras, não ocupa o espaço devido no universo do gênero. Em se tratando das produções, a figura feminina é retratada na ficção, não raro, pela submissão ao sexo masculino, inferioridade do gênero nos ambientes domésticos, sem explorar os aspectos intelectuais, o que colabora por reproduzir padrões e comportamentos tidos como moral e socialmente aceitos, como o papel de mãe, dona de casa, esposa e filha.

A necessidade do rompimento de tais estereótipos vinculados à mulher é premente, considerando ainda encontrarmos na literatura uma lacuna da representação da mulher marginalizada e negra. Nesse aspecto, Conceição Evaristo vem ocupando um lugar de destaque.

O conto *Maria*, que retrata a realidade de muitas mulheres negras no Brasil, atribuindo-lhe uma imagem de marginalização, questiona o silêncio da sociedade diante das injustiças e desigualdades sociais tão marcadamente explícitas na narrativa. Maria, uma empregada doméstica negra que vive em uma favela em situação de vulnerabilidade social e econômica, é a única responsável por prover seus filhos com a limitada remuneração oriunda do seu trabalho.

Nesse sentido, a literatura é um instrumento capaz de permitir que as pessoas cujas vozes não são ouvidas na sociedade possam se expressar, haja vista veicular histórias vozes de autores que também pertencem a essas classes segregadas, permitindo aos leitores alcance de sua representatividade. É por meio do viés da literatura de resistência, pois, que os escritores e poetas que pertenciam às chamadas minorias étnicas utilizaram-se e utilizam de suas obras para denunciar as desigualdades sociais por eles enfrentadas.

O texto de Conceição mostra o grito de uma mulher negra na literatura que impõe o seu valor como escritora ao ecoar vozes necessitadas de escutas. Como narradora, no conto *Maria*, verificamos que a história da protagonista desvela quão a mulher é vítima de uma sociedade patriarcal, machista e racista. O enredo sustenta também uma ideologia da supremacia masculina que domina a estrutura social (Hooks, 2019). Essa percepção encontra respaldo em Bourdieu (2019) que faz a seguinte declaração:

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (Bourdieu, 2019, p. 12).

Em *Maria*, constatamos uma mulher, representante de muitas outras Marias que, historicamente, foram silenciadas por uma dominação masculina hegemônica e étnico-racial, conduta que precisa ser desfeita por meio de atos de resistência, como a utilização da literatura como voz a ser ecoada, principalmente entre as próximas gerações. A resistência, para Shilling (1991, p.148),

seria uma defesa de nosso direito de constituir a nossa própria lei, e tal constituição passa por defender, recuperar, constituir um saber, seja esse próprio, seja um saber do ofício, um saber do estilo de vida e das relações que desenvolvemos, ou, ainda, saber da experiência, de defender, recuperar, construir o próprio tempo.

A reconstrução de um novo espaço e tempo para mulheres negras, que em pleno século XXI enfrentam problemas múltiplos sociais, é apresentada na poética de Conceição Evaristo,

escritora negra e feminista que traz à tona os assuntos que normalmente são escamoteados pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a evolução da literatura de resistência e a representação das personagens escritas e descritas por escritores pertencentes às classes minoritárias deve ser um exercício regular. Assim, mediante os estudos realizados compreendemos que a literatura brasileira ainda se constitui de um campo de exclusão, uma vez que o cânone literário brasileiro, majoritariamente, é composto por homens brancos de classe média a alta que, em sua maioria, destinam seus escritos a representação de personagens de acordo com suas próprias vivências.

Assim, faz-se necessária a compreensão e a necessidade de uma ampliação da produção literária plural, justa e igualitária, rompendo todo e qualquer tipo de estereótipo e repressão da diversidade que compõe a sociedade brasileira. A literatura deve, portanto, ser sinônimo de resistência e, como tal, servir como uma ferramenta eficaz para o enfrentamento da luta de classes, dos conflitos relativos às questões étnico-raciais, com vistas a cessar qualquer nível de exclusão em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. *Itinerário - Revista de Literatura*. Araraquara, n. 10, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2577>. Acesso em: 2 ago. 2023.

DALCASTAGNÈ, R. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 42, n. 4, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4110>. Acesso em: 2 ago. 2023.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: Uma poética de nossa Afro-brasilidade*. **Scripta**, Belo Horizonte, V.13., n.25, P. 17-31, 2 sem. 2009.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1 ed. Rio de Janeiro. Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MACIEL, G. C. **Literatura como porta voz da resistência**: narrativa e poesia de Carolina de Jesus. Disponível em: <https://sententia.com.br/gabrielacarneiromaciel/2022/narrativa-poesia-resistencia-carolina-jesus/>. Acesso em: 2 ago. 2023.

MENDES, K. D. S. et al. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto**, v. 17, n. 4, p. 758-764, out. 2008.

ROCHA, Wesley Henrique Alves. Maria, de Conceição Evaristo: uma alegoria da condição social dos corpos negros e dissidentes. **Revista Paraguaçu** – Estudos Linguísticos e Literários. Vo. 1, N° 2.

Ribeiro, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

SILVA, Rian Lucas; FORMIGA, Girlene Marques. A resistência na literatura: a luta pela humanização em Alma, de Itamar Vieira Junior. In: **Revista de Estudos Interdisciplinares**. Dossiê Relações de Exploração/Opressão e expressões da questão social na América Latina. V. 5 n. 3. 2023. Disponível em: <https://revistas.cceinter.com.br/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/609/614>. Acesso em: 30 ago. 2023.

SHILLING, Flávia. **Memória da resistência ou a resistência como construção da memória**; Estudos sobre resistência. Campinas, SP: Unicamp, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica. N° 14, dez. 2008.

ZILBERMAN, Regina. Ensinar é preciso – resistir também. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). **A função da literatura na escola**: resistência, mediação e formação leitora. São Paulo: Parábola, 2021.